



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS**

ELIZANGELA DA SILVA COSTA MOREIRA

**CONTRIBUIÇÃO DO DIÁRIO DE CAMPO NA PRODUÇÃO ESCRITA DO
GÊNERO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR**

**ARAGUAÍNA-TO
2019**

ELIZANGELA DA SILVA COSTA MOREIRA

**CONTRIBUIÇÃO DO DIÁRIO DE CAMPO NA PRODUÇÃO ESCRITA DO
GÊNERO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína para obtenção do título de graduação, sob orientação da Prof. (a) Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca.

**ARAGUAÍNA-TO
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- M838c Moreira, Elizangela da Silva Costa.
 CONTRIBUIÇÃO DO DIÁRIO DE CAMPO NA PRODUÇÃO ESCRITA
 DO GÊNERO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR
 . / Elizangela da Silva Costa Moreira. – Araguaína, TO, 2019.
 55 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.
 Orientadora : Profa Dra. Vilma . Nunes da Silva Fonseca
 Coorientadora : Profa Dra Miliane Moreira Cardoso Vieira

 1. Diário de Campo. 2. Estágio Supervisionado. 3. Relatório de Estágio
 Supervisionado I. 4. Escrita Acadêmica. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ELIZANGELA DA SILVA COSTA MOREIRA

**CONTRIBUIÇÃO DO DIÁRIO DE CAMPO NA PRODUÇÃO ESCRITA DO
GÊNERO RELATORIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Licenciatura em Letras para obtenção do título de graduação e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vilma Nunes da Silva Fonseca

Data de aprovação: ____/____/____

Banca examinadora:

Prof.^a Dr^a Vilma Nunes da Silva Fonseca – UFT
Orientadora

Prof.^a Dr^a Janete Silva dos Santos – UFT
Examinador

Prof. Dr Carlos Borges da Silva Júnior– UFT
Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar por ter me dado saúde, sabedoria e entendimento na hora que precisei.

A meu esposo Wemerson Moreira e meus filhos Samuel, Lemuel e Wemerson Júnior que tem me ajudado através dos seus incentivos e por me darem força para prosseguir.

À minha mãe Deusmozita que tem me incentivado com suas palavras sábias nos momentos que mais precisei.

Às minhas colegas Ana Karla, Gislene, Lorianana e Josiane pela parceria nesta caminhada e por terem ajudado muito com suas informações esclarecendo as minhas dúvidas.

À minha professora orientadora Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca que com seus conhecimentos e experiência tem contribuído significativamente para minha formação profissional.

Às turmas em que estive presente durante o curso, de um modo especial a turma a qual pertencço.

A todos meus professores do curso de letras da Universidade Federal do Tocantins (Câmpus Cimba), agradeço a cada um de vocês por terem contribuído para minha formação.

Um agradecimento especial aos meus colegas da que contribuíram com este trabalho respondendo as entrevistas, pois sem eles este trabalho não teria sentido.

Não posso deixar de agradecer aos doutores que participaram da banca, a eles os meus sinceros agradecimentos.

“A humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém”.

Paulo Freire

RESUMO

Nesta monografia, tematizamos a produção de Diário de campo (DC) no contexto no Estágio Supervisionado Curricular (ESC). O nosso objetivo é investigar como o DC desencadeia o processo de escrita do Relatório Estágio Supervisionado (RES). Para a realização deste estudo, utilizamos como procedimento metodológico, a aplicação de entrevista de abordagem qualitativa e natureza documental, que continha questionamentos dirigidos aos acadêmicos que cursavam o ESC-I no semestre 2018.1, do curso de letras, Câmpus de Araguaína, da Universidade Federal do Tocantins. O *corpus* é constituído por 15 (quinze) entrevistas contendo duas perguntas abertas, a citar: (i) Quais foram as suas principais dificuldades na hora de escrever o seu relatório de estágio supervisionado I? (ii) Como a escrita do diário de campo ajudou na produção do Relatório de Estágio Supervisionado I? Para embasar teoricamente a análise do objeto de pesquisa, recorreremos à literatura especializada para situar a nossa discussão a partir dos trabalhos científicos produzidos por Fiad e Silva (2009), Kleiman (1995), Zabalza (2004), Barreiro e Gebran (2006), entre outros. Os resultados obtidos indicaram que 87% dos acadêmicos afirmaram ter dificuldades para produzir os gêneros textuais utilizados na universidade. Em relação à produção do RES, 60% dos entrevistados disseram que o DC contribuiu para a elaboração desse texto, dos quais 33% concluíram que a escrita do DC propiciou a rememoração de fatos ocorridos no transcorrer das observações de aula, assim como a reflexão sobre esses eventos e sobre o ensino de Língua Portuguesa. Concluimos que a prática de escrever ajuda no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, para os universitários em questão, o exercício de produzir o DC auxilia a aquisição de competências linguísticas necessárias para a aprendizagem da linguagem acadêmica.

Palavras-chave: Formação de professores. Escrita. Letramento acadêmico.

ABSTRACT

In this monograph, we discuss the production of Field Diary (DC) in the context of Supervised Internship (ESC). Our goal is to investigate how DC triggers the writing process of the Supervised Internship Report (RES). For the accomplishment of this study, we used as methodological procedure, the application of qualitative approach interview and documentary nature, that contained questions directed to the students that attended the ESC-I in the semester 2018.1, of the course of letters, Campus of Araguaína, of the Federal University from Tocantins. The corpus consists of 15 (fifteen) interviews containing two open questions, quoting: (i) What were your main difficulties in writing your supervised internship report I? (ii) How did field journal writing help in producing Supervised Internship Report I? To theoretically support the analysis of the research object, we resort to specialized literature to situate our discussion from the scientific works produced by Fiad and Silva (2009), Kleiman (1995), Zabalza (2004), Barreiro and Gebran (2006), among others. The results indicated that 87% of the students said they had difficulties to produce the textual genres used in the university. Regarding the production of the RES, 60% of respondents said that the DC contributed to the elaboration of this text, of which 33% concluded that the writing of the DC provided the recollection of facts that occurred during the course of class observations, as well as the reflection on these events and about teaching Portuguese language. We conclude that the practice of writing helps in the development of reading and writing skills, for the students in question, the exercise of producing the DC helps the acquisition of language skills necessary for the learning of academic language.

learning. Keywords: Teacher training. Writing. Academic literacy.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Alunos que responderam ao questionário.....	26
Gráfico 2- Alunos com dificuldades na escrita	27
Gráfico 3- DC ajudou na escrita do RES.....	28
Gráfico 4- Dificuldades na fundamentação teórica.....	29

LISTA DE SIGLAS

DC	Diário de Campo
DBE	Diretrizes e Bases da Educação
ESC	Estágio Supervisionado Curricular
RES	Relatório Estagio Supervisionado
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPP	Projeto Político Pedagógico
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
2. CAPÍTULO TEÓRICO:	13
2.1 Estágio Supervisionado Curricular.....	13
2.2 Gênero diário: suas contribuições para o futuro professor na formação acadêmica.....	18
2.3 Relatório de Estágio Supervisionado (RES) escritos por professores na formação inicial.....	21
2.4 Letramento acadêmico na formação de professores.....	22
2.5 A escrita acadêmica.....	24
3. ANÁLISE DADOS.....	26
3.1 Resultado das entrevistas.....	26
3.2 Alunos que tiveram dificuldade na escrita do RES (I) e os que não tiveram.....	29
3.3 Como a escrita do diário de campo ajudou na produção do RES (I).....	32
3.4 Alunos que tiveram dificuldades na fundamentação teórica, e os que não tiveram.....	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5. REFERÊNCIAS.....	38
6. APÊNDICE.....	40
7. ANEXOS.....	41

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado curricular é momento em que o futuro professor entra em contato com o *lócus* de sua prática, momento o qual os acadêmicos relacionam e refletem a teoria e prática no contexto da docência. Segundo Pimenta e Lima (2012, p. 41) “O estágio é teoria e prática e não teoria ou prática”. Tendo em vista a relevância da escrita na profissão de professor, escolhemos como tema a produção de Diário de campo (DC) no contexto no Estágio Supervisionado Curricular (ESC).

O objetivo deste estudo é investigar como o Diário de Campo desencadeia o processo de escrita do RES, no contexto do ESC. A pesquisa aconteceu no Campus de Letras na Universidade Federal do Tocantins (UFT).

O trabalho tem como fundamento essencial a pesquisa bibliográfica e descritiva, utilização de fontes já publicadas como: Gênero Diário de Campo, Zabalza (2004); Silva-Fonseca (2018); Pimenta e Lima (2004); Barreiro e Gebran (2006); Fiad e Silva (2009); Street (2014); Flick (2009); Richardson (1999).

Para a realização deste estudo, utilizamos as informações que foram coletadas das entrevistas respondidas pelos acadêmicos da disciplina de Investigação da Prática pedagógica e Estágio Supervisionado: Língua portuguesa e literaturas (I), do curso de Letras, Campus Araguaína, Universidade Federal do Tocantins (UFT).

O *corpus* da pesquisa é formado por 15 entrevistados que responderam ao questionário composto por duas questões, uma sobre o RES (I) e outra relacionada ao DC. Foram analisados dados dos acadêmicos do ESC (I) na formação inicial, considerando a partir dos resultados as principais dificuldades no momento da escrita do RES e as contribuições do DC na construção do RES (I).

Sendo assim, considerando a pesquisa como uma oportunidade de produção de novos conhecimentos, optamos por fazer esta investigação fazendo perguntas por meio de entrevistas a um grupo social (acadêmicos/estagiários), para podermos fazer as análises dos dados e consequente compreensão do fenômeno social que ocorre no contexto do ambiente. Desta forma nossa pesquisa assume um teor qualitativo. Sobre a pesquisa qualitativa Richardson (1999) destaca que:

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da

compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno (RICHARDSON, 1999, p. 102).

Conforme citado acima foi utilizado como instrumento de coleta de dados questionários relacionado ao Relatório de Estágio (I) e diários de campo, que segundo Zabalza (2004 p. 16) no campo das pesquisas educacionais são usados não só como um instrumento de pesquisa, mas também como um instrumento muito importante para o processo de ensino e aprendizagem, além de contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores.

Foi utilizada para a produção deste trabalho uma análise documental, por tratar-se da análise de informações e dados que ainda não foram trabalhados cientificamente, tendo como complemento a pesquisa bibliográfica quando traz os teóricos que fundamentam a metodologia aplicada. Essa modalidade de pesquisa permite fazer análise qualitativas e também quantitativas quando se analisam dados com informações numéricas, por exemplo. Os documentos utilizados no presente trabalho têm como fonte principal de pesquisa a análise das entrevistas respondidas através de instrumentais pela turma, relatando suas dificuldades na escrita durante o período de ESC (I).

Flick (2009) explica que um ponto importante para a análise de documentos é a compreensão interpretativa do texto, que tornará possível realizar inferências válidas para a pesquisa realizada, de forma que o objetivo geral, consiste em contemplar e compreender casos específicos, por meio da reformulação do caso.

Para Flick (2009) a pesquisa qualitativa busca entender, descrever, explicar os fenômenos sociais de modos diferentes: analisando experiências de indivíduos ou grupos, examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo e investigando documentos.

Portanto, este trabalho é estruturado em dois capítulos, no primeiro capítulo abordamos como o estágio supervisionado curricular que é um momento essencial à formação inicial professores. É neste momento que os acadêmicos enquanto estagiário entram em contato com o ambiente de desenvolvimento de sua práxis pedagógica, apresentamos alguns conceitos de letramento acadêmico e novos estudos do letramento, abordamos sobre letramento acadêmico e formação de professores, principalmente quando se trata da produção dos DC e Relatório Estágio Supervisionado Curricular (ESC).

Especificamos que existem níveis de letramento e que pode mudar de acordo com ambiente que o indivíduo se encontra. Apresentamos o que é uma escrita acadêmica, e quando os acadêmicos são orientados a produzirem está escrita.

No segundo capítulo, realizamos análise das respostas dos entrevistados e representamos através de gráficos o resultado obtido nesta pesquisa, investigamos como os acadêmicos percebiam a importância do DC para a escrita do RES. Nestes resultados apareceram a quantidade de acadêmicos que possuem dificuldades de escrita e os que não tiveram a contribuição do DC na hora de escrever o RES. E aqueles que apresentaram dificuldades na fundamentação teórica e os que não tiveram.

2. CAPÍTULO TEÓRICO

Neste capítulo abordaremos sobre a escrita, nos apoiando no que dizem alguns autores sobre o “Letramento acadêmico na formação de professores” e a “Escrita acadêmica”. Serão apresentados alguns conceitos de letramento acadêmico relacionado aos novos estudos.

2.1 Estágio Supervisionado Curricular

O Estágio supervisionado curricular (ESC) é o momento que o futuro professor será inserido no contexto educacional, participando das observações nos locais que irá atuar no futuro. No que concerne à formação inicial de professores o Estágio supervisionado curricular é primordial, de forma que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB Art. 82) o define como obrigatório componente curricular na graduação, quando se trata das licenciaturas em geral. Além do mais, este mesmo documento oficial no Art. 61 afirma que a formação de profissionais da educação e pleno desenvolvimento do educando tem como fundamento a associação entre teorias e práticas, o que ocorre através do ESC.

Além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação há a Lei do Estágio n. 11.788, de 25 de setembro de 2008, que trata do estágio de estudantes e o parecer n. 28/2001 (Brasil, 2002), estabelece a duração e a carga horária dos cursos de formação de professores da educação básica em nível superior, curso de licenciatura e de graduação plena.

De acordo a Lei do Estágio (lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008), em seu Artigo 1º:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino

fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008, Art. 1º).

Ainda segundo a Lei n. 11.788, o estágio tem como objetivo o aprendizado de competências próprias da atividade profissional, além da contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando, a vida cidadã e para o trabalho. Para tanto, é preciso cumprir uma carga horária mínima que de acordo (Art. 65) da LDB deverá ser de trezentas horas para a formação docente, exceto para a educação superior. Conforme a Lei do Estágio, em seu artigo Art. 10.

A jornada de atividade em estágio será definida de comum acordo entre a instituição de ensino, a parte concedente e o aluno estagiário ou seu representante legal, devendo constar do termo de compromisso ser compatível com as atividades escolares e não ultrapassar:

I – 4 (quatro) horas diárias e 20 (vinte) horas semanais, no caso de estudantes de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade de educação de jovens e adultos;

II – 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, no caso de estudantes do ensino superior, da educação profissional de nível médio e do ensino médio regular (BRASIL, 2008, Art. 10º).

O Projeto Pedagógico do Curso de Letras PPC (2019, p. 47) da Universidade Federal do Tocantins procura atender às orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais (Resolução CNE/CP nº 2/2015), entre elas estão às atividades de Estágio Supervisionado que foram reconfiguradas atualmente a partir de estudos regulares desenvolvidos pelos docentes que atuam como supervisores, além de encontros sistemáticos com representantes da Diretoria Regional de Ensino de Araguaína (DREA), da rede pública estadual, com a qual o curso é conveniado para as atividades de estágio obrigatório.

De acordo PPC de Letras (2019, p.47), “O curso de Letras/Língua Portuguesa e Respectivas Licenciaturas permanece com disciplinas correspondentes a um núcleo comum (Núcleo I), ofertadas no primeiro e segundo semestres, com estudos de formação geral, das áreas específicas e interdisciplinares, e do campo educacional, seus fundamentos e metodologias, e das diversas realidades educacionais”. O mesmo documento traz em sua composição os objetivos do curso seguindo as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais (Parecer n.º CNE/CES 492/2001, Parecer nº CNE/CES 1363/2001, Resolução CNE/CP nº 2/2015). Destaca-se a seguir alguns destes objetivos elaborados para formar profissionais:

[...] que compreendam sua formação profissional como processo contínuo, autônomo, dialético e permanente; competentes para a reflexão crítica em torno de

temas e questões relativas aos conhecimentos linguísticos e literários; que atuem no Ensino Fundamental e Médio, comprometidos com a qualidade do ensino e a formação de cidadãos críticos e participativos, tendo em vista as transformações sociais para uma sociedade mais justa e democrática; que articulem o conhecimento teórico a reflexões em torno da prática pedagógica, atendendo às especificidades de sua área de atuação; que sejam capazes de refletir criticamente sobre as dinâmicas que envolvem o espaço escolar compreendendo-o sob aspectos sociais, econômicos, históricos e políticos; [...] (PPC-Letras, 2019, P. 48).

Os conteúdos curriculares da matriz do Curso de Letras da (UFT) obedecem às diretrizes para as licenciaturas, observando ainda o que preveem as Diretrizes Curriculares Nacionais. Desta forma, o Curso de Letras de Araguaína, volta-se principalmente para a formação de docentes capacitados para atuar no Ensino Fundamental e Médio, nas áreas de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas. Conforme o PPC (2019) a carga horária mínima de integralização é de 3225 horas, ultrapassando o mínimo de 3.200 horas definidas pelo §1º do Art. 13 da Resolução CNE/CP nº 2 de 01/07/2015, distribuídas no tempo mínimo de 8 (oito) semestres, com aulas regulares aos sábados no 1º e 2º períodos do curso, sendo ofertadas no período matutino. Além do Estágio Supervisionado que é de (405 horas).

O curso de Letras contempla seu PPC (2019, p. 132) sintonia com as diretrizes do MEC a perspectiva da interdisciplinaridade na formação do professor prevista na *Prática como Componente Curricular*, que atravessa a maior parte das disciplinas específicas do currículo e no estágio supervisionado, quando a realidade da escola e do ensino de língua e literatura orientam as ações e reflexões dos professores em formação.

No entender de Barreiro e Gebran (2006) formar professores é submeter à realidade a uma *práxis*, ou seja, a uma atividade onde a ação e a reflexão atuam conjuntamente e não somente priorizar ao estudo das teorias. Desta forma, prática e teoria são essenciais para formação de um docente que age de forma reflexiva. O estágio de observação é, portanto, o início de uma prática reflexiva e, segundo Vianna (2007), a observação é uma das maiores fontes de pesquisas qualitativas em educação. Diante disso, cabe ao observador saber ver, identificar e descrever os tipos de interações dos processos humanos, definindo assim o seu modo de atuar de forma a solucionar os desafios que aparecem em sala de aula.

De acordo PPC (2019, p. 149), o Estágio Curricular Obrigatório é um espaço formativo privilegiado de diálogo crítico com a realidade que deve proporcionar ao estudante experiências práticas na sua linha de formação, favorecendo a articulação do ensino com a pesquisa e extensão. O mesmo visa à ampliação da formação profissional do estudante por meio das vivências e experiências próprias da situação profissional não expressa no projeto pedagógico do curso.

Segundo Barreiro e Gebran (2006), o principal objetivo do estágio inicial é levar o acadêmico a vivenciar a realidade educacional em todos os aspectos. O estágio proporciona ao futuro docente meio de solucionar situações problemas através de ações, reflexões e criatividade. Sendo assim, o aluno poderá desenvolver autonomia em sala de aula, no momento em que consiga resolver os problemas, enfrentar desafios, mediante a prática da teoria aprendida ao longo da formação acadêmica.

Pimenta e Lima (2004) fazem o questionamento se a profissão do docente será a partir da observação, imitação, reprodução, ou da reelaboração dos modelos já existentes na prática considerados como bons. Segundo Pimenta e Lima (2004, p. 33):

Para desenvolver essa perspectiva, é necessário explicitar os conceitos de prática e de teoria e como compreendemos a superação da fragmentação entre elas a partir do conceito de práxis, o que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade.

Gebran (2006, p. 22) afirma que a articulação entre a teoria e a prática profissional é um processo que define a qualidade da formação inicial do professor, pois lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas às diversas situações enfrentadas e vivenciadas na sala de aula. Desta forma a formação inicial de qualidade tem a pesquisa como princípio científico e educativo como caminho metodológico para a formação do docente.

Para o PPC/Letras (2019, p.118) a prática profissional é objeto de atenção no Estágio Supervisionado de caráter obrigatório e previsto pela carga horária distribuída por parte das disciplinas que devem problematizar a prática docente, alinhavando-se às questões específicas da área.

Desta forma, as atividades realizadas no estágio devem estar em conformidade com o preconizado no projeto pedagógico e as diretrizes curriculares específicas do curso de graduação. A jornada de atividade em estágio não deve ultrapassar 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais.

O ESC (I) inicia com a observação do acadêmico sendo ele participante, pois é nessa fase que acontece a realização do diagnóstico da escola na aula de língua Portuguesa e no campo de estágio. O ESC (I) inicia no 5º período durante esse estágio que os acadêmicos vivem a experiência como professor em formação.

O encaminhamento do aluno a escola campo de estágio inicia após acordo de cooperação entre a UFT e a Diretoria Regional de Ensino de Araguaína (DREA) através da central de estágios (CE). A CE é o setor da UFT responsável pelas ações relacionadas aos

trâmites burocráticos do ESC relacionado ao preenchimento dos termos de compromissos, termo de Realização, plano de atividades, dados da apólice de seguro.

As informações sobre a escola campo são fornecidas pelo aluno, este por sua vez escolhe a instituição que pretende estagiar e verifica a disponibilidade de vagas na Unidade de Ensino. Na elaboração do diagnóstico da escola e da turma, o futuro professor realiza entrevistas com o diretor(a), coordenador(a) da área de LP, o professor(a) supervisor(a) e os alunos da turma também são entrevistados, todas as informações são registradas no diário de campo (DC).

Nas aulas de estágio que acontecem na UFT os alunos recebem orientações do(a) professor(a) supervisor(a) do estágio. Nos encontros surgem dúvidas, questionamentos, exposição oral de vivência, relatos de experiências adquiridas durante o ESC. No período de formação na Universidade, o acadêmico deve ser estimulado a novos saberes como: articular os conhecimentos teóricos e práticos no decorrer do ESC e da profissão.

No decorrer do ESC (I) é necessário observar e analisar doze aulas tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, visando proporcionar um encontro dos futuros professores da Língua e Literatura com a sala de aula, para que este consiga se habituar ao ambiente e conhecer a dinâmica da escola, combinando-as com os outros componentes que formam o processo.

O ESC é lugar de desenvolvimento da identidade docente, da participação e da vivência escolar, principalmente em sala de aula, levando os acadêmicos a refletirem e procurarem soluções para os problemas que poderão surgir durante as aulas e carreira docente. No momento da observação, os acadêmicos são orientados a fazerem reflexões necessárias para início da construção de uma identidade docente crítica, a partir do que foi vivenciado no cotidiano escolar. Desta forma, segundo Barreiro e Gebran (2006),

O estágio pode se constituir no *lócus* de reflexão e formação da identidade ao propiciar embates no decorrer das ações vivenciadas pelos alunos, desenvolvidas numa perspectiva reflexiva e crítica, desde que efetivado com essa finalidade (BARREIRO, GEBRAN, 2006, p. 20).

Portanto, é preciso refletir sobre as aulas observadas para não tomar decisões precipitadas na hora das anotações de campo, pois é necessário fazer uma observação mais profunda para não fazer julgamento errado.

A observação não é tarefa simples, requer muita atenção e sinceridade, segundo Vianna (2007),

A definição do que observar, ou seja, o foco da observação, sempre constitui um problema para o observador ou pesquisador, seja ele experiente ou iniciante nessa metodologia. A sala de aula, apesar de apresentar uma aparente tranquilidade, na verdade é um mundo em que ocorrem múltiplos eventos, sendo a ecologia de sala de aula extremamente rica de elementos a observar e pesquisar. A sala de aula, além de rica, é uma área em constante transformação, em que professores e alunos desempenham múltiplos e diferentes papéis (VIANNA, 2007, p.74).

Durante as observações o acadêmico deve se colocar no lugar professor regente e do aluno para evitar análises que desconsiderem os contextos mas quais estão inseridos, o primeiro diz respeito a necessidade de recursos didáticos e o segundo aos fatores externos que podem prejudicar no desempenho e atenção destes alunos, esta não é uma tarefa fácil. Vianna (2007, p.74) afirma que a sala de aula passa por constantes mudanças, em que professores e alunos desenvolvem diversos papéis. A observação é o lugar que o estagiário tem para afeiçoar-se ao funcionamento da sala de aula, observando como o professor (o) direciona suas aulas, suas sequências didáticas.

2. 2 Gênero diário: gênero textual que desencadeia a escrita do RES

O diário de campo é um instrumento essencial para o acadêmico fazer o registro do que ocorre em uma sala de aula no momento em que realiza o ESC. As anotações no diário servirão como base para a construção do relatório de estágio, que é uma forma de avaliar tanto a escrita acadêmica quanto a prática pedagógica.

Zabalza (2004) aborda que o diário de campo (DC) é uma técnica de documentação conhecido como: diário de aulas, história de aula, registro de incidentes, observações de aulas entre outros. São documentos que os professores anotam impressões dos acontecimentos de suas aulas, no diário possuem narrações feitas por professores e professoras em formação e também efetivos. O registro do DC que ocorre no dia a dia de uma sala de aula é importante para reflexão da prática pedagógica, para uma mudança de atitudes e metodologia, tendo em vista um melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Zabalza (2004) relata que o DC é um tipo de documento e não planejamento de aula, segundo o autor existem duas características que fazem parte da sua proposta metodológica, sendo estas: a pessoal e a do registro. Assim, o mesmo afirma que “[...] escrever sobre si mesmo traz consigo a realização dos processos a que antes referimos: racionaliza-se a vivência ao escrevê-la, [...] reconstrói a experiência, com isso dando a possibilidade de distanciamento e de análise [...]” (ZABALZA, 2004, p.18).

Durante o estágio supervisionado as anotações dos diários de campo são essenciais para a construção do RES, pois nele consta as observações, comentários, pensamentos e avaliações do futuro docente. A reflexão da prática docente, conforme o registro do diário de aula permite que o acadêmico ao se distanciar das atividades desenvolvidas durante a aula possa em outra ocasião retornar para reler e com isso lembrar e ter a oportunidade de repensar a sua prática docente (ZABALZA, 2004).

Desta forma, o estagiário, ao produzir seu relatório com base nos seus registros de campo, deve reelaborar seus textos, fazendo uma avaliação do que deve ou não permanecer no texto definitivo, além de fazer uma reflexão sobre as práticas metodológicas aplicadas durante o processo de ensino-aprendizagem.

É na disciplina de estágio supervisionado curricular que o aluno vivencia o contato mais intenso com a escrita reflexiva das suas vivências e experiências como docente. No momento das aulas ministradas é registrado nos diários de campo o que ocorre a cada aula evitando que posteriormente o acadêmico venha a esquecer e permitindo acrescentar algo que não aconteceu, mas que vem a contribuir com as próximas aulas.

Tendo em vista a melhor forma de registrar os diários de aula sem deixar perder partes essenciais na hora da escrita e reflexão dos relatórios Zabalza (2004, p. 26) organiza uma mescla de ações que podem auxiliar nessa reflexão: (I) primeiramente, é preciso ir acumulando informações significativas sobre o processo de ensino-aprendizagem; (II) é necessário também acumular informação histórica sobre a aula e seu entorno; (III) além de registrar momentos, identificar problemas e acompanhar temas de interesse; (IV) fazer a análise de dados e refletir; (V) sempre buscar soluções os para problemas que surgirem; (VI) utilizar o próprio diário como objeto de pesquisa. Dessa forma os relatos de aula escritos pelos estagiários podem ser mais um recurso para o efetivo desenvolvimento profissional, após realizarem as etapas anteriores, estarão, certamente, numa melhor situação de entenderem e reverem sua prática pedagógica.

O diário de campo é instrumento relevante para a elaboração do relatório de estágio e desenvolvimento da escrita dos acadêmicos a partir das experiências e vivências durante o estudo teórico e o seu fazer pedagógico, na construção dos relatórios, levando-os a uma reflexão entre a teoria e a prática educativa no centro educacional.

As características linguísticas do gênero diário direcionada à escrita, nos leva a compreender que carrega elementos mais específicos no texto, apresentando uma abordagem reflexiva. Com relação ao ato de escrever o diário, Zabalza (2004, p. 44) diz que:

O próprio fato de escrever, de escrever sobre a própria prática, leva o professor aprender por sua narração. Ao narrar sua experiência recente não só a constrói linguisticamente como a reconstrói como discurso prático e como atividade profissional (a descrição se vê continuamente ultrapassada por proposições reflexivas sobre os porquês e as estruturas de racionalidade e justificação que fundamentam os fatos narrados. Quer dizer, a narração se transforma em reflexão) (ZABALZA, 2004, p. 44).

Assim sendo, como Zabalza (2004) consideramos que a reflexão é fundamental nos diários de professores e educadores, é preciso fazer uma reflexão sobre o que está sendo registrado: como por exemplo, no planejamento, a regência das aulas, as atitudes dos alunos, entre outros.

Zabalza (2004) fala a respeito da importância do emprego dos diários na sala de aula, para o autor, escrever é uma ação humana recompensadora que se tornou um martírio para muitos pela ausência de técnica para fazê-lo, quanto pela falta de tempo disponível. O mesmo, diz que “escrever sobre o que está sendo feito como profissional (na aula ou em outras situações) é uma conduta excelente para conscientização de nossos diretores de trabalho. É uma forma de ‘afastamento’ reflexivo que nos permite enxergar, em perspectiva, nossa maneira particular de ensinar. É, além do mais, uma forma de aprender” (ZABALZA, 2004, p. 10). Portanto, escrever diários de campo contribuem para aperfeiçoamento da escrita, ainda proporciona aos acadêmicos na condição de estagiários a adoção de uma prática reflexiva.

Nesta seção, abordamos sobre os relatórios de estágio supervisionados escritos por professores em formação inicial e como são estruturados os RES. O relatório é um documento onde o estagiário relata suas experiências de forma clara e objetiva, sendo considerado um meio de avaliação na disciplina de ESC, além de ser uma etapa decisiva na formação de professores.

Ao adentrar na academia os universitários são colocados em contato com diversos gêneros textuais, principalmente com os de caráter dissertativo. Tendo em vista essa gama de produções e as dificuldades enfrentadas pelos acadêmicos ao escrever os textos com linguagem acadêmica, decidimos investigar quais foram as dificuldades que os acadêmicos tiveram em produzir o gênero textual relatório, no ESC I. Nesta fase os acadêmicos tem um contato mais intenso com a escrita, que os possibilita a aquisição da linguagem científico-acadêmica.

2.3 Relatório de Estágio Supervisionado (RES) escritos por professores na formação inicial

Desta forma, um documento fundamental no contexto da disciplina de estágio supervisionado, é o relatório, pois o mesmo reflete e retrata as vivências e experiências do estagiário no exercício da futura profissão, além de possibilitar aos mesmos a análise crítica do seu fazer pedagógico. Zabalza (1998) em seus discursos a respeito da prática de ensino, se reporta ao relatório da seguinte forma:

[...] essa documentação depois permitirá revisar o processo, possibilitará a publicidade do trabalho, para defender-se de críticas, para poder solicitar novas ajudas, etc. Mas o importante é que fica a constância física do trabalho realizado, possibilitando assim a construção de uma espécie de “memória” história (una banca dati) das ações. (ZABALZA, 1998, p. 192).

Na universidade os textos são padronizados e obedecem às especificidades individuais de cada gênero. “Em algumas situações, os textos tornam-se engessados em determinado formato e seus autores ficam presos a uma eterna busca pela impessoalidade no discurso. Nessas circunstâncias, perdem-se aos poucos as singularidades das subjetividades da escrita comum” (SILVA-FONSECA, 2018, p.45).

“Incentivar uma produção de caráter mais narrativo e subjetivo, onde a maior referência é o próprio autor, sua compreensão dos fatos, suas experiências e formas de significação” (FIAD; SILVA, 2009, p. 123). Sendo assim, a escrita universitária, independentemente do gênero vai além da narração dos acontecimentos, requer conhecimentos linguístico e competência textual, porque necessita para que possa escrever de forma crítica, objetiva e impessoal.

Os textos produzidos pelos acadêmicos devem envolver os diversos conhecimentos de mundo, gramaticais e interacionais, além de possuir clareza e objetividade ao fazer críticas aos temas abordados. Escrever desta forma requer a revisão do texto produzido através da reescrita, Fiad (2013) enfatiza que a escrita pode ser compreendida como um processo, cuja reescrita é parte. De acordo com a outra, a concepção de linguagem como trabalho podemos acrescentar outros suportes teóricos para pensarmos a escrita, suportes que chegam de diferentes áreas do conhecimento, mas que podem ser articulados para uma análise da escrita, principalmente da escrita em processo de aquisição.

Fiad e Silva (2009, p.125) abordam que narrar e descrever são atividades linguísticas e são encontradas através de diferentes gêneros(...) é comum elas constituírem os RES, pois se

tratam de práticas de escritas herdadas tradicionalmente há muitos anos que se manifesta em diversos contextos de vida de forma discursiva e cultural.

O relatório de estágio possui estrutura diversificada, não existe uma única padronização. As seções do relatório são diferentes, apesar de ser uma pesquisa científica. E contém introdução, fundamentação teórica, justificativa, objetivos, metodologia, formulação do problema, referências bibliográficas.

Silva (2013, p.183), afirma que esses textos produzidos pelos alunos, RES, “possuem configuração bastante diversa, marcada desde a extensão textual à organização textual em seções”, parecendo com portfólios escolares. No entanto, é importante basear na organização padrão proposta pela instituição

2.4 Letramento acadêmico na formação de professores

Nessa seção, abordaremos o letramento acadêmico formação de professores, ato de ler e escrever. Destacando quando se trata da produção dos (DC) e Relatório Estágio Supervisionado Curricular (ESC).

Kleiman (1995, p. 19) define, letramento como um conjunto de práticas sociais que se usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Dessa forma é um equívoco associar ou substituir o termo letramento por alfabetização, pois o termo letramento é utilizado nos dias atuais para substituir a palavra “alfabetizar”, que significa codificar e decodificar o sistema alfabético.

Para Soares (2004, p.18) o surgimento do vocábulo “letramento” pode ser compreendido como necessária para nomear comportamentos sociais no ato de aprendizagem e da prática da leitura e da escrita que ultrapassam os procedimentos de decodificação do sistema alfabético e ortográfico, em outras palavras, os procedimentos habituais do processo de alfabetização.

De acordo com Soares (2003, p. 111) existem vários níveis de letramento, que podem variar de acordo com a realidade cultural onde se encontra o indivíduo. E o vocábulo letramento é algo novo e significa o desenvolvimento relacionando pessoas com a cultura e escrita. Sendo assim, não podemos dizer que uma pessoa é iletrada, pois todos possuem o contato com a escrita do mundo.

Para este estudo é necessário abordarmos sobre o letramento acadêmico, por tratar-se de análise dos entrevistados sobre os gêneros (DC e RES) que pertence a formação

profissional do professor. O letramento é compreendido por um conjunto de modelos sendo aqueles usados na academia, os modos de ler e escrever. Referimo-nos à escrita do DC e RES no ESC, textos esses que mostram o desenvolvimento da aprendizagem acadêmica sobre a prática docente e desenvolvimento estabelecido pelos acadêmicos através da língua escrita.

Os estudiosos que se dedicaram a área de novos estudos do letramento Street (1984, 2003) e Barton (1994) consideram as práticas de letramento como práticas sociais, que possuem significados próprios em diferentes entidades e grupos sociais. Esses autores afirmam que as práticas da escrita são diferentes e que existem diversos letramentos, depende do campo e grupos sociais que atuam podendo ser: escolar, familiar, religioso, entre outros.

Lea e Street (2014) faz separação entre os modelos de letramento autônomo e de letramento ideológico. O autor afirma que no letramento autônomo a língua é vista como inseparável, a escrita sendo independente, desligado dos contextos de produção. No letramento ideológico, “as práticas letradas são vistas como inextricavelmente ligadas estruturas culturais e de poder numa dada sociedade” (STREET, 2014, p.172).

Lea e Street (2014) definem três modelos de letramento que podem ser classificados em: (1) um modelo de estudo de habilidades, (2) um modelo de socialização acadêmica (3) um modelo de letramentos acadêmicos. De acordo com os autores, no modelo de habilidades de Estudo (HE) o letramento e a escrita são habilidades cognitivas. Esse modelo preocupa-se com a estrutura do texto a forma e aparência que esse texto é escrito (gramática e ortografia).

O modelo de Socialização Acadêmica (SA) é necessário para entender a linguagem dos acadêmicos e o que eles produzem através da escrita. Além de aprender a escrever gêneros textuais “adquirem modos de falar, escrever, pensar e interagir em práticas de letramento que caracterizam membros de comunidade disciplinar ou temática” (LEA; STREET, 2014, p.479).

Lea e Street (2014) destacam que o modelo de Letramentos Acadêmicos são práticas sociais, que se relacionam “com a produção de sentido, identidade, poder e autoridade; colocar em primeiro plano a natureza institucional daquilo que conta com conhecimento em qualquer contexto acadêmico específico” (LEA; STREET, 2014, p.449).

Conforme Silva-Fonseca (2018, p.67) “A expressão Letramentos Acadêmicos aparece no plural, porque o adjetivo que a domina está relacionando aos letramentos que ocorrem na escola e na universidade, respaldando pela sociedade que lhes confere legitimidade”. No decorrer da formação inicial, os acadêmicos entram em contato com o letramento acadêmico, eles são orientados para produção de textos que devem obedecer às regras da escrita acadêmica.

2.5 A escrita acadêmica

É através do ESC que o futuro professor conhecerá o desenvolvimento da prática docente e desenvolverá a prática da escrita acadêmica através da produção dos DC e produção dos RES sempre realizando observações e reflexões sobre o contexto o qual está inserido.

No ESC (I) os acadêmicos são estimulados a produzirem a escrita acadêmica nos gêneros DC e RES. Eles fazem suas anotações no DC durante as aulas observadas e depois escrevem o RES, essa reescrita acontece no momento que reescreve no RES.

No momento da reescrita todas as observações devem ser levadas em consideração, pois Fiad (2010) a reescrita é o trabalho que é realizado pelo autor que retoma o seu texto realizando algumas operações da linguagem e modificando-o em vários aspectos possíveis. Essas modificações colaboram para uma escrita reflexiva “um trabalho que acontece na interação social, porque os sujeitos vão se apropriando da linguagem ao se constituírem como locutores, junto aos seus interlocutores; a apropriação da linguagem implica um trabalho do sujeito, o que significa que há um movimento do sujeito e uma recriação da linguagem em cada situação de interação” (FIAD, 2013).

Nessa perspectiva de escrita acadêmica como prática social, surge um novo método de fazer pesquisa a “etnografia” que tem como foco compreender a cultura de comunidades e determinados grupos sociais. Desta forma segundo Lillis (2008), a etnografia ocupa uma posição importantíssima nas abordagens da escrita acadêmica que se preocupa com o contexto a qual está inserida.

Lillis (2008), em alguns de seus estudos sobre escrita acadêmica, demonstra que o estudo do texto, separado de conhecimentos sobre o contexto, não nos possibilita entender por que alguns tipos de escrita são ou não aceitos em determinados contextos nem a relação entre esses estilos e os diversos contextos em que são produzidos. Sendo assim, para a autora, não existe linguagem sem um contexto, pois não se pode separar língua e cultura entre texto e contexto.

A etnografia como método de pesquisa permite que o acadêmico reconheça o valor social da escrita tanto no mundo acadêmico quanto fora dele, não se valendo simplesmente de normas, padrões, instituições e avaliações. Lillis (2008) afirma que na escrita acadêmica, que considera a perspectiva etnográfica, a voz do outro, do aluno, pode abrir possibilidades no ensino além daquelas que as análises dos textos dos alunos possibilitam.

Considerar uma abordagem de pesquisa etnográfica nos letramentos acadêmicos levará a grandes mudanças no ensino convencional que podem ser incluídas em duas vertentes

descritas por Lea e Street (2006) como modelo de habilidades e modelo de socialização acadêmica.

Fiad (2011), em seu texto afirma, que na década de 80 havia uma certa discussão relacionada a escrita acadêmica com o seguinte questionamento: Por qual razão os acadêmicos chegam na universidade “sem saber escrever”? De acordo com a autora essa mesma pergunta não pode mais ser feita na atualidade pois, “Não é possível dizer que os estudantes não sabem escrever, de modo genérico e absoluto” (FIAD,2011. p.360). Naquele tempo, mesmo na educação básica era possível ver nos alunos o desenvolvimento da escrita como capacidades de ler e escrever individualmente.

3. ANÁLISE DADOS

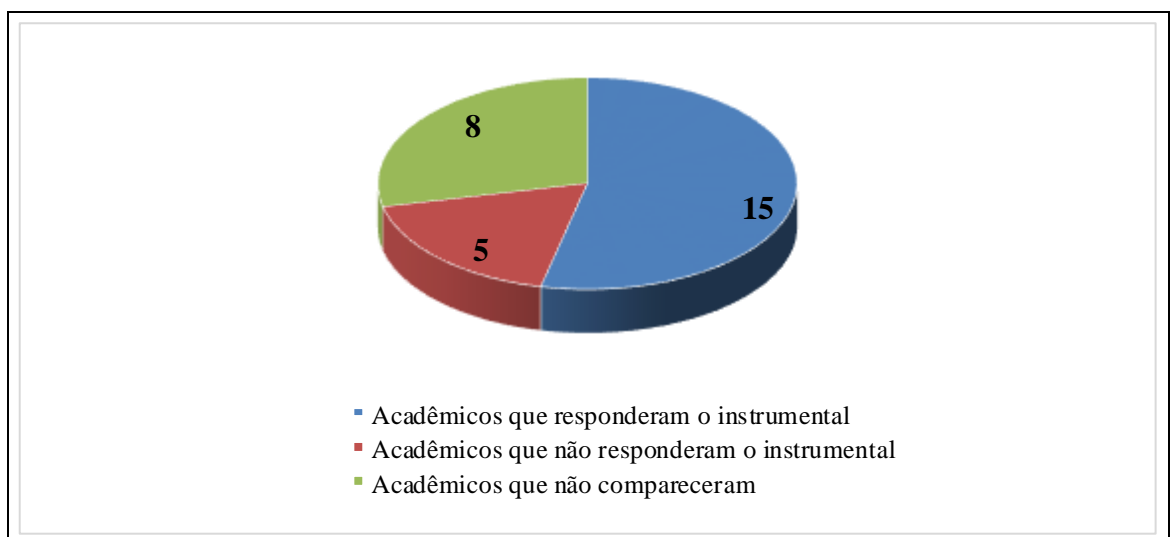
Neste capítulo, apresentamos informações sobre a pesquisa com a turma em que realizamos as entrevistas relacionado ao ESC (I). Os resultados das análises dos dados obtidos através dos questionários estão descritos em forma de gráfico, que mostram as dificuldades que os acadêmicos tiveram para produzir os gêneros textuais utilizados na universidade. Também destacam o que os entrevistados pontuam em relação à produção do RES e o quanto o DC contribuiu para a elaboração desse texto retratando os percalços encontrados na escrita acadêmica e adequação as normas da ANBT.

3.1 Resultado das entrevistas

Através das respostas obtidas por meio dos questionários, podemos ter conhecimento das dificuldades que esses acadêmicos tiveram na hora de escreverem seus RES, e como as anotações dos DC tem contribuído na produção do relatório de RES (I). Sendo assim, podemos ter conhecimento das dificuldades que essa turma enfrentou na sua formação inicial.

Foi aplicado uma entrevista no dia 12 de setembro de 2019 durante a aula de ESC (IV) da professora titular da turma, chamaremos de Maria. A turma possui 28 acadêmicos matriculados; no dia da aplicação do questionário havia apenas 20 acadêmicos presentes, somente 15 responderam os questionários, 5 pessoas se recusaram a responder, 8 acadêmicos não compareceram na aula naquele dia. Seguiremos, a partir de agora, com as informações coletadas e expostas no gráfico 1 a seguir.

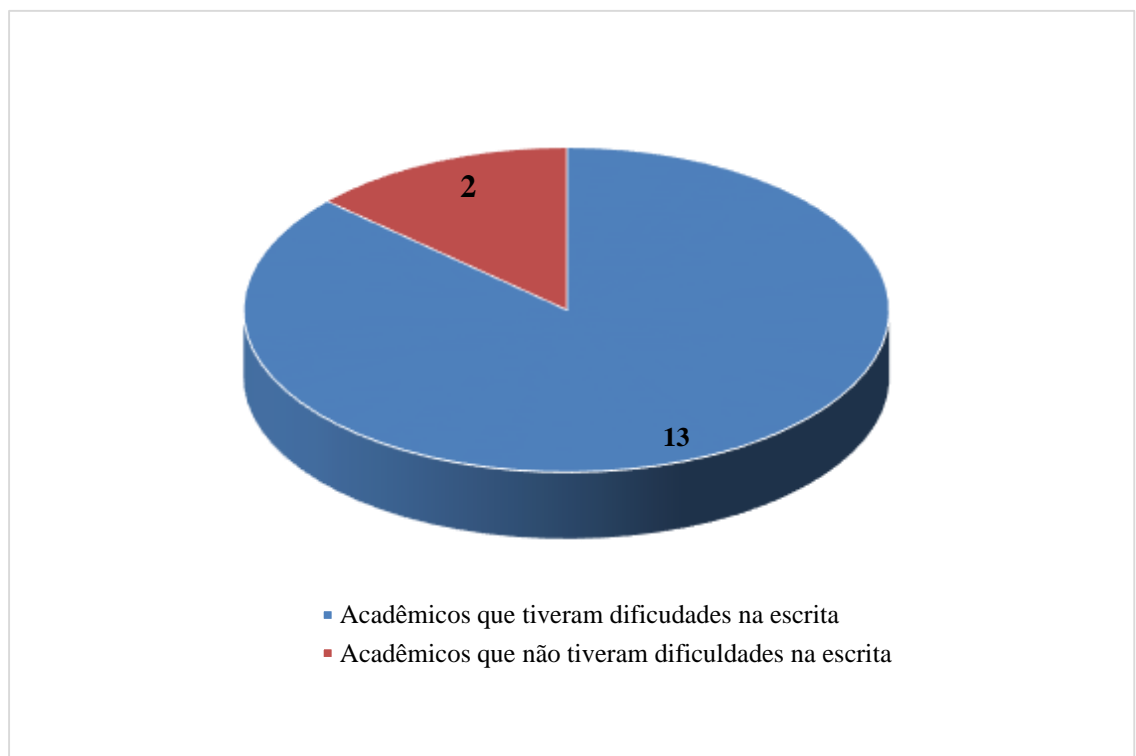
Gráfico 1 – Acadêmicos que responderam a entrevista



Fonte: autoria própria.

Como falamos, anteriormente, cinco acadêmicos se recusaram a responder o instrumental, oito não compareceram na aula, os que responderam os questionários chamaremos respectivamente de A1, A2, A3 (nomes fictícios). Essas informações foram coletadas em uma turma do 8º período do curso de letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), na qual os interlocutores relataram sobre o início de seus estágios no quinto período do curso de letras. A porcentagem representada no gráfico corresponde as respostas dos acadêmicos que responderam os questionários, valor: 8 (28,57%) alunos que não compareceram, 5 (17,86%) e os que responderam, 15 (53,57%) foram acadêmicos que responderam o instrumental. Diante disso percebe-se no gráfico acima, que a maior parte da turma correspondera a minha solicitação. Vejamos a seguir os acadêmicos que tiveram dificuldades na hora de escrever o seu RES no ESC(I), e os que não tiveram dificuldades na escrita. Para melhor visualização, vejamos o gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2 - Dificuldades na escrita do RES

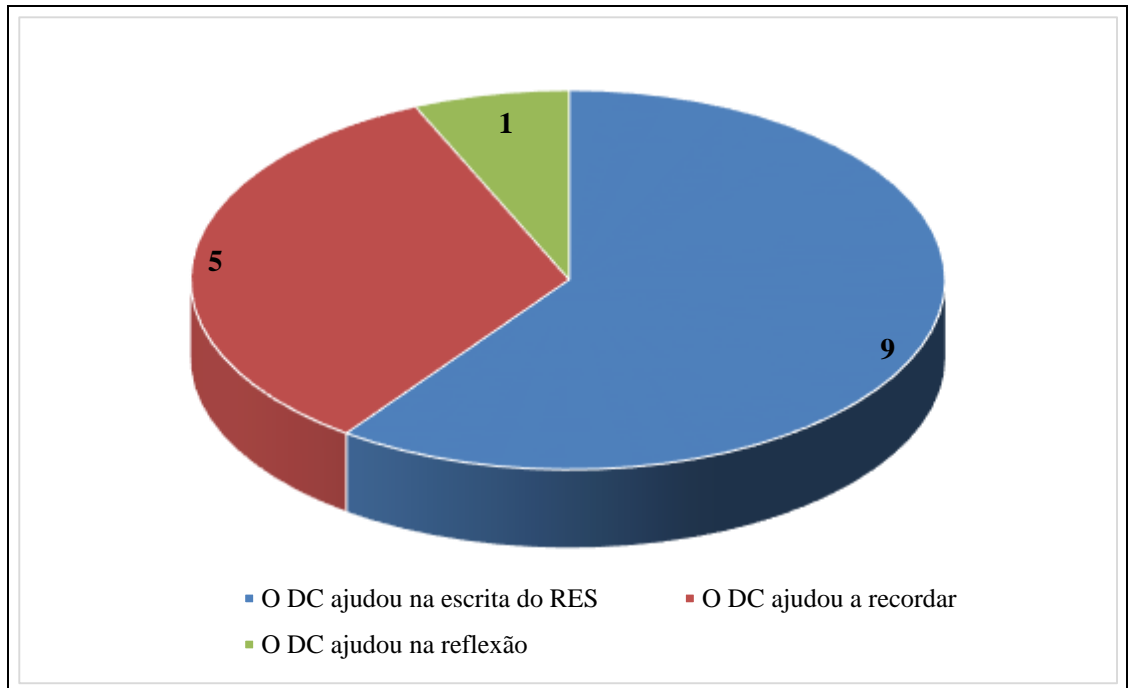


Fonte: autoria própria .

Diante do exposto no gráfico, percebemos que o valor representado de acadêmicos que tiveram dificuldades na escrita do RES é de: 13 (86,66%) e os que não apresentam dificuldade

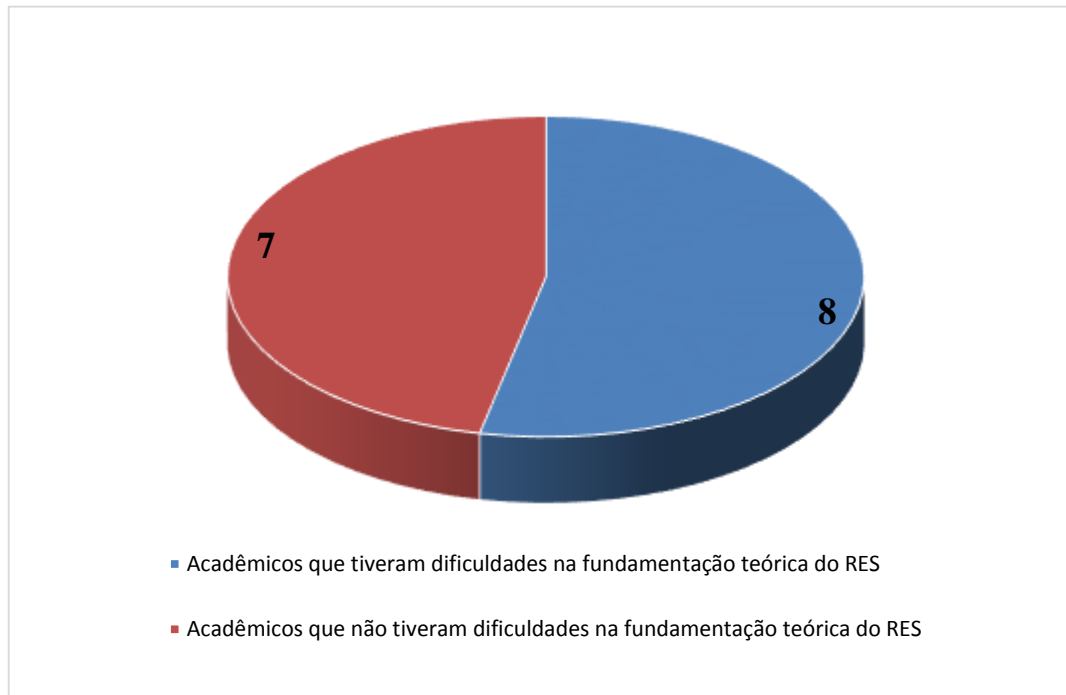
é de:2 (13,33%). Agora, apresentaremos a quantidade de alunos que afirmam que a escrita do DC ajudou na produção do RES no ESC (I). De acordo com as informações coletadas, os resultados obtidos estão presentes no gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 - DC ajudou na escrita do RES



Fonte: autoria própria.

O gráfico 3 está apresentando a relevância da escrita do DC que tem ajudado acadêmicos na produção do RES (I), alunos que afirmaram que o DC ajudou na produção do RES (I) valor é de: 9 (60%). Acadêmicos que afirmaram que o DC ajudou a recordar no momento da escrita valor: 5(33,33%), apenas 1(6,67%) acadêmico relatou que o DC ajudou na reflexão. A seguir no gráfico 4 será apresentado a quantidade de acadêmico que tiveram dificuldade em fazer a fundamentação teórica na escrita do RES no ESC (I) e os que não tiveram

Gráfico 4 - Fundamentação teórica

Fonte: autoria própria

Ao observar os números do gráfico 4, podemos perceber que a quantidade de acadêmicos que tiveram dificuldades na fundamentação teórica é superior aos que não tiveram dificuldades. De acordo o que está registrado no gráfico acima o valor: 7 (46,66%) não apresentaram dificuldades e 8 (53,33%) apresentam dificuldades.

De agora em diante analisaremos as respostas de cada acadêmico relacionado ao questionário aplicado na turma do 8º período letras na UFT. E essa análise é dos RES e DC produzido pelos acadêmicos quando ainda cursavam o quinto período, portanto suas identidades serão preservadas. Iniciaremos a partir do gráfico 1.

3.2 Alunos que tiveram dificuldade na escrita do RES (I) e os que não tiveram

O gráfico 1 está expondo a quantidade de acadêmicos que responderam o instrumental, os que não compareceram no dia da aula de ESC (IV) e os que se recusaram a responder, mesmo assim os resultados foram satisfatórios para o desenvolvimento de nossa pesquisa. De agora em diante trataremos das entrevistas que tivemos com os acadêmicos que responderam os questionários com a seguinte pergunta: *quais foram as suas principais dificuldades na hora de escrever o seu relatório de estágio supervisionado I?* O quantitativo

de respostas pode ser comprovado no gráfico 2. Para a referida pergunta obtivemos as seguintes respostas.

As principais dificuldades que tive no início da produção do relatório de Estágio supervisionado, acredito que ocorreu por falta de uma produção de escrita diária, estava acostumada a não produzir texto, e quando chega na escrita do relatório se torna uma fase bem difícil e até mesmo complicado; a escrita vai fluindo e se desenvolvendo ao longo do estágio. (A1)

As principais dificuldades foi iniciar o relatório, pois não tinha experiência em escrever um relatório dessa dimensão, e confesso que não foi fácil, mas me proporcionou oportunidade de escrever o que vivenciei na prática, além de acrescentar todo meu aprendizado teórico que tive ao longo do curso. (A2)

Minhas maiores dificuldades foram transcreever algo vivenciados nos estágios. O contato com a linguagem nova e um mundo cheio de obstáculos tanto na vivencia no ambiente como na escrita. (A3)

Primeiramente a dificuldade foi por não conhecer a estrutura, depois tiver dificuldade de escrever por não saber colocar de forma científica o que tivemos como experiência. Uma das dificuldades que ainda encontro é de ligar uma teoria ao que estou escrevendo. (A4)

A maior dificuldade para escrita do meu relatório I foi como escrever um relatório de estágio. Eu não sabia como começar a escrever, porque para escrever, mesmo que seja um relatório pessoal de estágio é necessário ter feito várias leituras no decorrer do curso, para podemos então fazer relações entre teoria e prática, então, podemos destacar as dificuldades em: Repertório teórico. Tempo porque o estágio é muito cansativo. (A5)

Com toda certeza foi não ser capacitada para escrever e formatar meu relatório segundo as regras da gramaticais necessárias e as normas da ABNT em conjunto com o manual da biblioteca da UFT. (A6)

A maior dificuldade que tive ao escrever o relatório foi não saber ter uma ótima escrita, e também por não ter uma estrutura do relatório não termos conhecimentos sobre um relatório detalhado como é exigido na faculdade. (A7).

A Falta de conhecimento dos gêneros presentes no meio acadêmico em geral. Alias teorias para construção de um texto científico foi algo totalmente novo para mim, quando tive contato com o relatório de estágio. (A8)

Minha principal dificuldade foi tempo, primeiro porque deixei o estágio para o ultimo minuto então o relatório foi um pesadelo, segundo por ta muitas disciplinas e complexo organizar esse tempo, inclusive para quem trabalha. (A9)

Eu não tive dificuldade, pois na época em que fiz a disciplina de estágio, eu estava com poucas disciplinas. Eu devido ser o primeiro estágio, o primeiro relatório, me dediquei e não foi tão difícil. (A10)

Uma das principais dificuldades foi usar uma linguagem acadêmica e relacionar teoria e prática. Mas a maior foi a formatação segundo as normas da ABNT. (A11)

A minha maior dificuldade para escrever meu relatório foi fazer relação reflexiva entre teorias e prática, o resultado da minha prática em sala de aula. (A12)

Minha principal dificuldade, foi a falta de criatividade de organizar as ideias e dados, encontrar a forma correta de conectar a teoria a prática do Estágio para análise. Tenho muita dificuldade com isto. (A13)

Acredito que a minha maior dificuldade foi relacionar o que eu escrevendo com a teoria, ou seja, fundamentar o que estava dizendo, porque temos que escrever de acordo com fulano ou sicrano, apesar de está sob o meu ponto de vista. O conteúdo em si não foi difícil articulá-lo dentro da escrita acadêmica, com todas as normas e regras é que tive dificuldade. (A14)

As principais dificuldade na escrita do meu relatório de estágio foram fazer a fundamentação teórica de acordo com as leituras realizadas na sala durante as aulas de estágios e ainda fazer a correlação dessas leituras com as aulas registradas do diário de campo. (A15) [sic]

(Entrevistas concedidas em setembro/2019).

Durante a análise das respostas dos acadêmicos percebemos que a maioria relatou que tiveram dificuldades na escrita do RES no ESC (I), as dificuldades encontradas são: na escrita e linguagem acadêmica; relacionar teoria e prática; não saber as normas da ABNT; a estrutura do RES.

A dificuldade relatada pelos acadêmicos pode estar por falta de engajamento no ensino superior, a universidade tem que procurar soluções efetiva para ajudar esses acadêmicos ingressantes a produzirem os gêneros textuais que são utilizados na Universidade, “estão mais comumente presentes no cotidiano acadêmico, textos como o resumo, o fichamento, a resenha, o relatório, o comentário crítico, o ensaio e a monografia” (FIAD e SILVA, 2009, p. 123). Estes textos não são trabalhados de forma efetiva na Universidade, o que faz com que os acadêmicos no início tenham dificuldades em produzi-los.

Conforme Fischer (2010, p. 216), muitos pontos distinguem a prática de leitura, produção textual e escrita do meio acadêmico de outros sistemas de ensino, entre eles “a necessidade de os alunos sentirem-se sujeitos do discurso da língua portuguesa, por meio de interações contínuas com propostas de leitura e produção escrita baseadas na concepção dialógica da linguagem”.

Alguns acadêmicos mencionaram sobre a linguagem acadêmica e as dificuldades no ambiente universitário relacionada à escrita acadêmica, os mesmos mostraram preocupação de adequar-se à linguagem escrita da área de estudo, no entanto Fiad e Silva (2009) descrevem que:

A linguagem é, de um lado, sujeita a regras, a convenções a que o sujeito está submetido, mas também é resultante das interações sociais, em que os sujeitos reconstruem, a partir dos sistemas linguísticos, as inúmeras possibilidades de expressão e comunicação. Além disso, os sistemas linguísticos não são tão sistemáticos a ponto de aprisionar os sujeitos (FIAD SILVA, 2009, p. 125).

Mais do que está preocupado com as regras e as convenções da linguagem, é importante considerar que esta é resultante das interações sociais e que “há um conjunto de possibilidades a serem exploradas a cada situação de produção linguística” (FIAD SILVA, 2009, p. 125).

A partir das informações obtidas percebemos que muitos alunos tiveram dificuldades em embasamento teórico, ou seja, não sabem sustentar teoricamente as práticas vivenciadas na escola, a prova disso está representado no gráfico 4.

Segundo A11 e A7 a maior dificuldade que tiveram na escrita de seus relatórios foram não saberem da estrutura do RES. Elas dizem, “não temos conhecimentos sobre um relatório

detalhado como é exigido na faculdade”. A universidade precisa ensinar os alunos a produzirem os gêneros textuais que são exibidos no contexto acadêmico, neste caso, o aluno precisa ser orientado a produzir um Relatório de Estágio.

A seguir estão os acadêmicos que afirmaram não apresentar dificuldades na escrita do RES. Um deles destaca que sua principal dificuldade foi o tempo, acabou deixando o estágio para o último minuto e que o relatório se transformou em um pesadelo. Ele afirma que tinha muitas disciplinas e que foi complicado organizar esse tempo inclusive para trabalhar. O outro salienta que não teve dificuldade com relação à escrita, pois havia concluído o estágio, tinha poucas disciplinas e que se dedicou no primeiro relatório, por isso não foi tão difícil.

Diante dos fatos analisados percebemos que duas acadêmicas abordaram nos questionários que elas tiveram dificuldades na escrita do RES por não saberem formatar segundo as normas da ABNT.

A partir dessas informações percebemos que o índice de acadêmicos com dificuldades na escrita do RES é alto, quando eles entram na universidade chegam despreparados devido ao ensino básico precário. E por isso que quando chega na universidade encontra dificuldade na escrita de gêneros acadêmicos como: relatórios, resumos, resenhas entre outros. Eles relatam ter dificuldades em produzi-lo. Uma das causas destas dificuldades, pode estar relacionada a de que alguns estão tendo o primeiro contato com o gênero textual relatório de estágio. Outros, não conseguem alinhar a teoria com a prática.

3.3 Como a escrita do diário de campo ajudou na produção do RES

Nesta seção abordamos as respostas obtidas nos questionários respondidos pela turma de formandos do curso de letras, com a seguinte pergunta: *como a escrita do diário de campo ajudou na produção do relatório de estágio supervisionado I?* No gráfico 3 está representado o resultado dessas perguntas. A seguir estão as respostas dadas pelos entrevistados:

A escrita do diário de campo me ajudou com ferramenta norteadora para a produção chegasse em sua fase inicial a parte final. (A1)

Ajudou bastante, pois a partir da escrita do diário de campo passei a desenvolver a progressão do domínio e do conhecimento do conteúdo que eu produzir no relatório de estágio supervisionado (I). E a partir de meus relatos no diário de campo provável a criatividade, assim avaliando no raciocínio lógico para alcançar a produção graciosa do relatório de Estágio supervisionado I. (A2)

O diário me ajudou na organização de ideias e auxiliou na formulação do relatório, pois possibilitou um melhor entendimento da estruturação da escrita. (A3)

como no relatório precisamos descrever o que obtivemos de experiência, o diário de campo é essencial pois muitas informações presentes no diário servem para nossa reflexão. (A4)

A escrita de campo foi fundamental porque o aluno aperfeiçoa a escrita.

O diário de campo também é fundamental para que possamos lembrar do que acontece na aula. A escrita do diário também facilita para elaboração do relatório, Assim, o aluno precisara fazer leituras teóricas para escrever o relatório de estágio o aluno terá um ótimo suporte que é o diário de campo. (A5)

Ajudou a me recordar de todos os detalhes ocorridos durante o tempo de estágio par produção do relatório final. (A6)

O diário de campo ajudou bastante, porque fazia eu lembrar dos acontecimentos na sala de aula, como os alunos se comportava e como o (a) professor (a) administrava suas aulas, assim na hora de escrever o relatório ficava mais fácil por ter tudo anotado. (A7).

Não consigo imaginar como fazer o relatório de estágio sem a confecção dos diários de campo. O diário de campo foi muito importante nas produções dos meus relatórios de estágio, pois a partir dele consigo registrar de modo mais eficiente minha vivência nos estágios supervisionados. (A8)

Ajudou no preenchimento do relatório, além de servir como esqueleto serve, como uma linha do tempo para não esquecer as coisas do estágio. (A9)

O diário de campo foi fundamental e considero de suma importância para fazer um bom relatório, pois é através dele que temos um rumo, um caminho por onde começar. (A10)

a escrita do diário de campo foi Essencial, devido alguns imprevisto na escola nem sempre era possível estagiar todos os dias o que resultava na prolongação dos dias de estágio. No diário de campo estava anotado tudo o que havia acontecido no estágio, sem essas anotações, teria esquecido detalhes importantes! (A11)

Não ajudou na escrita crítica, mas ajudou a lembrar de alguns acontecimentos que mereciam destaque no corpo do trabalho. (A12)

Me ajudou porque o diário de campo fornece os principais ponto de partida para argumentação para escrita, e para comparar com as teorias estudadas na sala de aula. Também fazer relatório leva a prática. (A13)

A escrita de diário de campo me serviu como um treinamento para escrever o relatório, no diário de campo está minhas observações, percepções e análises do que presenciei na sala de aula. Ele me serviu de norte de ponto de partida para escrever meu relatório). (A14)

A escrita do diário de campo ajudou na produção do meu relatório no sentido de apoiar ou embasar os discursos abordada das no relatório, pois foi a partir das observações registrado no diário de campo que possibilitou produzir uma discussão válida e relevante apoiada pelas leituras e orientações realizadas em sala, pela professora da disciplina. (A15) [sic]

(Entrevistas concedidas em setembro/2019).

Através dessas respostas compreendemos que todos os acadêmicos entrevistados relataram que o DC é essencial na formação inicial do professor. Os acadêmicos afirmaram que a escrita do DC tem ajudado como uma ferramenta, direcionando desde o início ao fim da produção. Eles argumentaram que o DC serviu bastante, pois foi a partir da escrita do DC que eles passaram a desenvolver a progressão e conhecimento do conteúdo que eles produziam no RES (I). Percebemos o quanto a escrita do DC tem ajudado na construção do RES, conforme Zabalza (2004, p.44) “toda escrita por sua própria natureza supõe um envolvimento pessoal (cognitivo e motor). Quanto o diário escrito, é principalmente o envolvimento cognitivo que é relevante e construtivo do pensamento: deve se estruturar, organizar, reler, refletir, modificar, etc”. Sendo assim, o envolvimento pessoal na hora da escrita produz principalmente o

desenvolvimento cognitivo, construindo um pensamento de modo a refletir e organizar as informações.

A **A2** relatou que a escrita do DC contribuiu para que ela desenvolvesse e dominasse a escrita do conteúdo que ela produziu em seu RES. Ela afirma que foi através do DC ele conseguiu organizar suas ideias e auxiliou também na hora de formular o relatório possibilitando-lhe melhor entendimento da estrutura do RES e da escrita.

Eles destacaram que o DC é essencial porque nele há muitas informações presentes e que servem para a reflexão, além da função descritiva o que faz do diário um documento relevante para o desenvolvimento social e o objetivo reflexivo-pessoal que possibilita a leitura dos acontecimentos com o decorrer do tempo, permitindo uma análise de acordo o avanço dos fatos (ZABALZA, 2004, p.16).

De acordo com os relatos dos questionários, a escrita do DC foi fundamental para os entrevistados por considerarem relevante para produção de um relatório. Assim, estes defenderam que foi através do DC que tiveram um caminho por onde iniciar o RES.

Zabalza (2004, p.14) afirma que “Os diários constituem narrações feitas por professores e professoras (tanto efetivos como em formação)”. É o caso dos entrevistados que relatam fatos ocorridos nas aulas observadas de forma que os ajudem a recordar estes acontecimentos na construção do RES. Assim, **A6, A7, A5 e A12** dizem que a escrita do DC ajudou a recordar dos acontecimentos ocorrido na sala de aula, a **A6** relata que o DC ajudou a lembrar detalhadamente os acontecimentos durante o estágio para que pudessem produzir seu relatório final.

Já a **A7** diz que a escrita do DC fez com que ela se lembrasse dos acontecimentos em sala de aula, a forma que o professor ministrava suas aulas e como os alunos se comportavam. Disse que na hora da produção do RES ficou tudo mais fácil devido suas anotações. Percebemos que os cinco entrevistados relataram que o DC as ajudou na escrita, mas que também serviu para lembrá-los dos acontecimentos ocorrido nas aulas. Com relação ao ato de escrever o DC como forma de melhorar a escrita e relembrar acontecimentos Zabalza (2004) destaca que:

[...] é interessante escrever o diário quando nos apeteça ou quando consideremos conveniente registrar dados ou impressões sobre nosso trabalho ou sobre os momentos que estamos vivendo com vistas a poder voltar sobre eles em outra hora e analisá-los com tranquilidade (sozinhos ou acompanhados por alguém que ajude a construir uma imagem mais completa da situação a partir da narração) [...] (ZABALZA, 2004, p.143).

A8 ressalta que foi muito importante para ela o DC, na hora de produzir o RES ela diz que não consegue imaginar como fazer um relatório de estágio sem a confecção do DC. Foi a partir do DC que ela conseguiu registrar de maneira eficiente sua vivência no ESC (I)

A14 argumentou que a escrita do DC serviu para ela como um treinamento para que ela pudesse escrever o seu relatório, afirmou que no DC estão suas observações, percepções e análises do que presenciou em sala de aula. Ela relatou que a escrita serviu de norte para prosseguir na escrita de seu RES (I). De acordo com a entrevistada, a escrita do DC ajudou na hora de produzir o RES, pois foi a partir das observações registradas no DC que a possibilitou a produção de uma discussão válida e relevante de acordo com as leituras e orientações realizadas durante as aulas pela professora da disciplina de ESC(I).

3.4 Alunos que tiveram dificuldades na fundamentação teórica e os que não tiveram

Nessa seção analisamos o discurso daqueles acadêmicos que relataram ter dificuldades durante a escrita e em relacionar teoria e prática do gênero RES no ESC (I) no curso de letras na UFT, Araguaína, Campus Cimba. Os acadêmicos que relataram dificuldades correspondem a 53% dos entrevistados conforme demonstrado no gráfico 4. Considerou-se importante o discurso dos indivíduos que relataram que:

Primeiramente a dificuldade foi por não conhecer a estrutura, depois tiver dificuldade de escrever por não saber colocar de forma científica o que tivemos como experiência. Uma das dificuldades que ainda encontro é de ligar uma teoria ao que estou escrevendo. (A4)

A maior dificuldade para escrita do meu relatório I foi como escrever um relatório de estágio. Eu não sabia como começar a escrever, porque para escrever, mesmo que seja um relatório pessoal de estágio é necessário ter feito várias leituras no decorrer do curso, para podemos então fazer relações entre teoria e prática, então, podemos destacar as dificuldades em: Repertório teórico Tempo porque o estágio é muito cansativo. (A5)

A Falta de conhecimento dos gêneros presentes no meio acadêmico em geral. Alias teorias para construção de um texto científico foi algo totalmente novo para mim, quando tive contato com o relatório de estágio. (A8)

Uma das principais dificuldades foi usar uma linguagem acadêmica e relacionar teoria e prática. Mas a maior foi a formatação segundo as normas da ABNT. (A11)

A minha maior dificuldade para escrever meu relatório foi fazer relação reflexiva entre teorias e prática, o resultado da minha prática em sala de aula. (A12)

Minha principal dificuldade, foi a falta de criatividade de organizar as ideias e dados, encontrar a forma correta de conectar a teoria a prática do Estágio para análise. Tenho muita dificuldade com isto. (A13)

Acredito que a minha maior dificuldade foi relacionar o que eu escrevendo com a teoria, ou seja, fundamentar o que estava dizendo, porque temos que escrever de acordo com fulano ou sicrano, apesar de está sob o meu ponto de vista. O conteúdo em si não foi difícil articulá-lo dentro da escrita acadêmica, com todas as normas e regras é que tive dificuldade. (A14)

As minhas dificuldades na escrita do meu relatório de estágio foram fazer a fundamentação teórica de acordo com as leituras realizadas na sala durante as aulas

de estágios e ainda fazer a correlação dessas leituras com as aulas registradas do diário de campo. (A15) [sic]
(Entrevistas concedidas em setembro/2019).

Os entrevistados relataram que os principais obstáculos encontrados foram fazer a fundamentação teórica e relacionar as leituras realizadas durante às aulas de estágio e fazer correlação dessas leituras com as aulas registradas no DC. Outros afirmaram que foi difícil relacionar suas escritas com as teorias, ou seja, fundamentar a fala dele com o que os teóricos dizem e articular de acordo com as regras da escrita acadêmica.

É importante ressaltar que esses foram os acadêmicos que afirmam terem dificuldades na escrita e em relacionar teoria e prática para escreverem seus RES o resultado de sua própria prática em sala de aula. Segundo Zabalza (2004, p. 44 “escrever sua própria prática, leva o educador aprender o que está narrando. Ao narrar novas experiências também não só constrói linguisticamente, também é reconstruído como uma atividade profissional ou como discurso prático” [...]).

Diante desses relatos percebemos que há diversas dificuldades encontradas por esses acadêmicos no momento da escrita do RES, sendo está a principal a escrita acadêmica. Muitos deles afirmaram nas entrevistas dizendo que tiveram dificuldades na hora de escrever por não serem habituados a essa prática. Quando esses acadêmicos ingressam no ensino superior dificulta as coisas, é preciso que as instituições de ensino passem por uma reflexão a respeito das práticas docentes para que possa desenvolver o ensino básico e a prática da escrita acadêmica, pois estes estudantes precisam ingressar na universidade com o saber básico proposto nas estruturas curriculares vigentes, mas para que isso se concretize é necessário uma mediação e integração maior entre a universidade e escola.

Os gêneros textuais utilizados na academia são diferentes dos utilizados no ensino básico, o que faz com que os acadêmicos ingressantes na universidade se debrucem numa prática de leitura e produção que até então não praticavam com frequência ou até mesmo nem conheciam. No entanto, a escrita é tida como uma construção social e as experiências e a aprendizagens adquiridas ao longo do tempo sempre são válidas na hora de escrever. Street (1994) confirma isto quando diz que a escrita é um ato social.

A ausência ou ineficiência de contato com os gêneros textuais escritos na academia faz com que os acadêmicos iniciantes sintam grande dificuldade em escrevê-los. No entanto, (RUSSEL, 2009 *apud* RAMOS, ESPEIORI p. 241) afirma que a escrita “não é uma habilidade generalizável que se aprende de uma vez por todas, mas uma conquista ou feito que pode ser desenvolvido, que requer muita prática”. Portanto, a prática constante dos textos acadêmicos

fará com que os acadêmicos adquiram as habilidades e competências necessárias ao produzi-los, apoderando-se da linguagem acadêmica e consequente letramento acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos este trabalho observamos que os DC é uma ferramenta essencial na prática docente, que além de contribuir para a reflexão da prática pedagógica ainda desencadeia o processo de desenvolvimento da escrita no momento da produção do RES pelos acadêmicos. No entanto, percebemos que apesar dos esforços em adequar-se aos gêneros textuais, os futuros docentes apresentam dificuldades ao escrever o RES, tanto relacionada à fundamentação teórica, estrutura do relatório e adequação as normas da ABNT.

Em nossa pesquisa observamos que os acadêmicos que responderam as entrevistas disseram que o motivo da sua dificuldade na escrita do RES foi, principalmente, por falta de leitura e prática da escrita mais eficiente na Educação Básica, pois segundo os acadêmicos, não estavam habituados a produzirem estes tipos de textos acadêmicos que, em sua maioria, são padronizados e obedecem às especificidades individuais de cada gênero.

Como se percebe, os acadêmicos não tinham o costume de produzirem os gêneros textuais que circulam na academia. De acordo com os resultados apresentados nos gráficos, observamos diversas dificuldades, sendo a escrita acadêmica a de maior destaque. Todavia, é importante lembrar que os mesmos estavam inseridos em outro ambiente antes de ingressar na universidade. Segundo Fiad (2013, p. 471) “esses sujeitos ocuparam espaços sociais e eventos de letramentos em que incidiam outras práticas sociais de leitura e escrita, isto é, outros gêneros.”

Nesse sentido, considerando a escrita como prática social, é natural que haja dificuldades por parte dos acadêmicos ingressantes ao produzirem os textos exigidos na academia, pois os mesmos devem obedecer às regras da escrita acadêmica. No entanto, a prática diária é que fará com que o desenvolvimento da escrita ocorra e apropriação dos gêneros discursivos aconteça de forma eficiente.

Portanto, não é preciso haver a prática dos textos acadêmicos nos anos finais da Educação Básica, o que precisa ocorrer é uma mudança de concepção de ensino, onde o diálogo seja a principal abordagem para o desenvolvimento da leitura e escrita. O que estará contribuindo para a formação de pessoas com as habilidades e competências necessárias para se apropriarem com mais facilidade da linguagem acadêmica.

REFERÊNCIAS

- BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R.A. **Prática de Ensino e Estágios Supervisionado na Formação dos professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- BARTON, D. **Literacy: an introduction to the ecology of written language**. London. Blackwell, 1994.
- BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.html>. Acesso em: 20 set. 2019.
- FIAD. **A escrita na universidade**. Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p. 357-369. 2ª parte, 2011.
- FIAD, R. S. **Reescrita, dialogismo e etnografia**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, v. 13, n. 3, p. 463-480, set./dez. 2013.
- _____. 2010. **A pesquisa sobre reescrita de textos**. In: SIMELP I, 2010. Universidade de Évora. Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas, n. 1.
- _____. SILVA, L. L. M. da. Escrita na formação docente: relatos de estágio. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá: EDUEM, v. 31, p.123-131, 2009.
- FISCHER, A. **A construção de letramentos na esfera acadêmica**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- FLICK, U. 2009. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed., Porto Alegre: Artmed.
- KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LEA, M. R.; STREET, B. V. The “Academic Literacies” Model: Theory and Applications. **Theory into Practice Fall**, v. 45, n. 4, p. 368-377(e), 2006.
- LEA, Mary; STREET, Brian. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações (The “Academic Literacies” Model: Theory and Applications). Tradução de Fabiana Komesu e Adriana Fischer. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul./dez. 2014.
- LILLIS, T. Ethnography as Method, Methodology, and "Deep Theorizing": Closing the Gap Between Text and Context in Academic Writing Research. **Written Communication**, v. 25, n. 3, p. 353-388, July 2008.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 33.

RAMOS, Flávia Brocchetto; ESPEIORIN, Vânia Marta. Letramento acadêmico: leitura e escrita na universidade (Entrevista com David Russell). In: **Conjectura**, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009.

_____. PIMENTA, Selma G. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 2012.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA-FONSECA, V.N. **Significados interpessoais na retextualização de relatórios de estágio supervisionado: a escrita acadêmica reflexiva profissional e o letramento do professor no contexto de formação inicial.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Tocantins. Programa de pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura. Campus de Araguaína. 2018.

SILVA, M. O. Diários de aula: análise de diários de uma professora de um curso superior de tecnologia de Porto Alegre, RS. **Revista Educação por Escrito**, PUCRS, Rio Grande do Sul, v. 4, n. 2, p. 114-128, 2013.

SOARES, M. B. Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos. In: **Revista Pátio**, n. 29, fevereiro de 2004.

_____. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2004.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003.

STREET, B. **Literacy in theory and practice.** Cambridge: CUP, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS HABILITAÇÕES: LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS - LÍNGUA INGLESA E RESPECTIVAS LITERATURAS.** Tocantins: [s.n.], 2019.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Pesquisa em educação: a observação.** Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** Tradução Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. **El Practicum en la Formación de los Maestros.** In: RODRÍGUEZ MARCOS, et al (Coord.), *La Formación de los Maestros en los Países de la Unión Europea.* Madrid: Narcea, p.169-202, 1998.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - campus Araguaína

ALUNO:

PERÍODO:

INSTRUMENTAL I

A1

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

As principais dificuldades que tive no início da produção do relatório de estágio supervisionado, acredito que ocorreu por falta de uma produção de escrita diária, estava acostumada a não produzir texto, e quando chego no escrito do relatório se torna ~~uma~~ uma fase bem difícil e até mesmo complicada, mas quando iniciamos a escrever, a escrita vai fluindo e se desenvolvendo ao longo do estágio.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

A escrita do diário de campo me ajudou como um instrumento norteador para a produção chegar em sua fase inicial até a parte final.

ALUNO:

PERÍODO:

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

As principais dificuldades foi iniciar o relatório, pois não tinha experiência em escrever um relatório dessa dimensão, e confesso não foi fácil, mas me proporcionou oportunidade de escrever o que vivenciei na prática, além de acrescentar todo meu aprendizado teórico que tive ao longo do curso.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Ajudou bastante, pois a partir da escrita do diário de campo passei a desenvolver a expressão do domínio e do conhecimento do conteúdo que eu produzi no relatório de estágio supervisionado I. E a partir de meus relatos no diário de campo promovi a criatividade, assim auxiliando no raciocínio lógico para alcançar a produção graciosa do relatório de Estágio supervisionado I.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - campus Araguaína

ALUNO:

PERÍODO:

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Muitas vezes dificuldades geram transtornos e algumas vezes nos estímulos.

É bastante com uma linguagem mais e um mundo cheio de obstáculos tanto na rotina, no ambiente como no escrito.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

O diário me ajudou na organização de ideias e auxiliou na formulação do relatório, pois possibilitou um melhor entendimento de ~~esta~~ estruturação do escrito.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - campus Araguaína

ALUNO:

PERÍODO:

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Primeramente a dificuldade foi por não conhecer a estrutura, depois tive dificuldade de escrever por não saber colocar de forma científica o que tivemos como experiência.

Uma das dificuldades que ainda encontro é de ligar uma teoria ao que estou experimentando.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Como no relatório precisamos descrever o que obtivemos de experiência, o diário de campo é essencial pois muitas informações presentes no diário servem para nossa reflexão.

ALUNO:

PERÍODO:

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

A maior dificuldade para escrita do meu relatório I foi como escrever um relatório de estágio. Eu não sabia como começar a escrever, porque para escrever, mesmo que seja um relatório pessoal de estágio é necessário ter feito várias leituras no decorrer do curso para podermos então fazer relações entre teoria e prática, então, podemos destacar as dificuldades em:

- Repertório teórico
- Tempo porque o estágio é muito comativo

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

A escrita de campo foi fundamental porque o aluno aperfeiçoa a escrita. O diário de campo também é fundamental para que possamos lembrar de que aconteceu na aula. A escrita do diário também facilita para elaborar o relatório. Assim, o aluno precisará fazer leituras teóricas para escrever o relatório de estágio. O aluno terá um ótimo suporte que é o diário de campo.

ALUNO:

PERÍODO:

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Com toda certeza foi não ser capacitada para escrever e formatar meu relatório seguindo as regras gramaticais necessárias e as normas da ABNT em conjunto com o manual da biblioteca da UFT.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Ajudou a me recordar de todos os detalhes ocorridos durante o tempo de estágio para a produção do relatório final.

UNO:

PERÍODO:

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

A maior dificuldade que tive ao escrever o relatório foi saber ter uma ótima escrita, e também por não ter uma estrutura da relação não tenho conhecimentos sobre um relatório detalhado como é exigido na faculdade.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

O diário de campo ajudou bastante, porque fazia eu lembrar os acontecimentos na sala de aula, como os alunos se comportavam e como o(a) professor(a) administrava suas aulas, assim na hora de escrever o relatório ficava mais fácil por ter tudo anotado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - campus Araguaína

ALUNO:

PERÍODO:

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

A falta de (sem) conhecimento dos gêneros presentes no meio acadêmico em geral. Alisar teorias para a construção de um texto científico foi algo totalmente novo para mim, quando tive contato com o (rel) relatório de estágio.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Não consigo imaginar como fazer o relatório de estágio sem a confecção dos diários de campo. O diário de campo foi muito importante nas produções dos meus relatórios de estágio, pois a partir dele consigo registrar de modo mais eficiente minha vivência nos estágios supervisionados.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - campus Araguaína

ALUNO: !

PERÍODO: 8º período.

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO ?

Minha principal dificuldade foi tempo, primeiro porque deixei a redação para o último minuto então a redação foi um pouco segundo por ter muitas disciplinas e complicado organizar esse tempo, inclusive para quem trabalha.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO ?

Ajudou no preenchimento do relatório, além de servir como esqueleto dele, e como uma linha do tempo por não esquecer os casos do estágio.

ALUNO:

PERÍODO:

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO ?

Eu não tive dificuldade, pois na época em que eu fiz a disciplina de estágio, eu estava com poucas disciplinas. E devido ser o primeiro estágio, o primeiro relatório, me dediquei e não foi tão difícil.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO ?

O diário de campo foi fundamental e considero de suma importância para fazer um bom relatório, pois é através dele que temos um rumo, um caminho por onde começar.

ALUNO:

PERÍODO:

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Uma das principais dificuldades foi usar uma linguagem acadêmica e relacionar teoria e prática. Mas a maior foi a formatação segundo as normas da ABNT.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

A escrita do diário de campo foi essencial, devido alguns imprevistos a cada um sempre era possível estagiar todos os dias, o que resultava em ~~em~~ na prolongação dos dias de estágio. No diário de campo estava ^{anotado} tudo o que havia acontecido no estágio, ~~estes~~ ~~com~~ com essas anotações, teria esquecido detalhes importantes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - campus Araguaína

ALUNO:

PERÍODO:

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

A minha maior dificuldade para escrever meu relatório foi fazer a relação reflexiva entre as teorias e as práticas, o resultado da minha prática em sala de aula.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Não ajudou na escrita crítica, mas ajudou a lembrar de alguns acontecimentos que mereciam destaque no corpo do trabalho.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - campus Araguaína

ALUNO:

PERÍODO: 8º

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Minha principal dificuldade, foi a falta de clareza em organizar as ideias e dados, encontrar a forma correta de conectar a teoria a prática do estágio para análise. Tenho muita dificuldade com isto.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Me ajudou porque o diário de campo fornece os principais pontos de partida para argumentação para escrita, e para comparar com as teorias estudadas na sala de aula.

Também o fazer relatório leva a prática.

JNO:

PERÍODO:

TRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

Acredito que a minha maior dificuldade foi relacionar o que eu estava escrevendo com a teoria, ou seja, fundamentar o que estava dizendo, porque temo que escrever de acordo com fulano de sicrano, apesar de estar sob o meu ponto de vista.

O conteúdo em si não foi difícil articulá-lo dentro da escrita acadêmica, com todos os normos e regras é que teve dificuldade.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

A escrita de diário de campo me serviu como um treinamento para escrever o relatório. No diário de campo está as minhas observações, percepções e análises do que presenciei na escola, na sala de aula. Ele me serviu de norte, de ponto de partida para escrever meu relatório.

ALUNO:

PERÍODO:

8ª Período

12/09/2019

INSTRUMENTAL I

- 1- QUAIS FORAM AS SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA HORA DE ESCREVER O SEU RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

As principais dificuldades na escrita do meu relatório de estágio foram fazer a fundamentação teórica de acordo com as leituras realizadas na sala durante as aulas de estágio e ainda fazer a correlação dessas leituras com as aulas registradas do diário de campo.

- 2- COMO A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO AJUDOU NA PRODUÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I?

A escrita do diário de campo ajudou na produção do meu relatório no sentido de apoiar ou embasar as discussões abordadas no relatório, pois faz a ponte das observações registradas no diário de campo que possibilitou produzir uma discussão mais válida e relevante apoiada pelas leituras e orientações realizadas em sala, pela professora da disciplina.